

DISPERSÕES DOS DISCURSOS RELIGIOSOS DE ADEÇÃO EVANGÉLICA A BOLSONARO EM ENUNCIADOS DO PR. ED RENÉ KIVITZ: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

*Ivana Siqueira Teixeira**
ivanateixeira.ufpb@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba

*Dennis Souza da Costa***
dennis.jppb@hotmail.com
Universidade Federal da Paraíba

*Pedro Farias Francelino****
pedrofrancelino@yahoo.com.br
Universidade Federal da Paraíba

*Maria de Fátima Almeida*****
falmed@uol.com.br
Universidade Federal da Paraíba

* Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestra em Letras com ênfase em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Linguagem e Práticas Sociais pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Graduada em Letras - Português pela Universidade de Pernambuco (UPE). Participa dos grupos de pesquisa Linguagem, Enunciação e Interação (CNPq/UFPB) e Rede de Estudos Dialógicos (CNPq/UFPE). Professora de Língua Inglesa, tendo realizado intercâmbio na Kaplan International Dublin, na Irlanda. Tem interesse por estudos relacionados à Análise Dialógica do Discurso (ADD) e ao Ensino de Línguas Estrangeiras. Atualmente, desenvolve pesquisas voltadas à relação entre política, religião e mídia na perspectiva da ADD.

** Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB); Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB); Especialista em Linguagem e Ensino pelo Centro Universitário Maurício de Nassau; Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade do Oeste Paulista; Graduado em Letras- Inglês pela Universidade Federal da Paraíba; Graduando em Letras-Português pela Universidade Federal da Paraíba à distância (UFPB Virtual); Professor Efetivo na Educação Básica III da Secretaria Estadual de Educação da Paraíba (SEE/PB); Membro do Grupo de Pesquisa Agir de Linguagem, Docência e Educação Inclusiva (ALDEI/UFPB); Membro do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação.

*** Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). É Professor Associado do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da UFPB e docente do Programa de Pós-graduação em Linguística da mesma instituição. Foi vice-coordenador do GT Anpoll Estudos Bakhtinianos (biênio 2014-2016) e Coordenador desse grupo no biênio 2016-2018. É líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação (CNPq/UFPB).

**** Possui graduação em Letras (1979), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais (1983), Mestrado em Letras (1988) pela Universidade Federal da Paraíba e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2004). É pós-doutora em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB (2013). É professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, é membro do Programa de Linguística / PROLING atuando na área de Teoria Linguística, Linguagem e Ensino, na linha Discurso e Sociedade, participando principalmente no campo da: linguagem, discurso e leitura. É líder do Grupo de Estudos em Linguagem, Enunciação e Interação/GPLEI.

Resumo: Este artigo tem como escopo a análise dialógico-discursiva de enunciados circunscritos na interface da política e religião, considerando-se as distintas formas de argumentação nessas esferas. Como objeto de investigação, explora-se um recorte do discurso do pastor progressista Ed René Kivitz, durante sua participação no *podcast Podpax* (2022). O objetivo é compreender em que medida os enunciados desse sujeito atuam como força descentralizadora em face a discursos homogeneizadores de evangélicos favoráveis à reeleição de Jair Messias Bolsonaro. Fundamentado teórica e metodologicamente na perspectiva da análise dialógica da linguagem, o estudo recorre aos escritos de Bakhtin (2011; 2015; 2018; 2020; 2022) e Volóchinov (2017) que contemplam reflexões sobre os conceitos de polêmica, discurso de outrem, entonação e forças centrífugas e centrípetas, e às discussões de pesquisadores brasileiros (Francelino, 2022; Gomes, 2022) que se detêm à investigação das obras dos autores russos. Os resultados apontam que Kivitz polemiza com outras lideranças políticas e religiosas, ao recuperar discursos desses enunciadore, assim como constrói novos sentidos para tais discursos com entonações particulares a sua enunciação. Nesse sentido, o referido pastor retoma discursos dos contextos político e religioso evangélico, evidenciando uma adesão desse segmento ao ex-presidente Bolsonaro, como também constrói em sua argumentação um posicionamento desvirtuado em face ao apoio a tal recandidatura. **Palavras-chave:** análise dialógica do discurso; discurso político e religioso; polêmica; forças centrípetas e centrífugas; entonação.

1 Considerações iniciais

A influência evangélica nos acontecimentos políticos recentes do Brasil é um fenômeno amplamente debatido. Spyer (2020) e Araújo (2022), por exemplo, consideram que o voto evangélico foi fator decisivo para a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018. O apoio a um candidato cuja campanha caracterizou-se pela instrumentalização da fé cristã, especialmente (neo)pentecostal, e por um discurso que contemplava pautas caras a esse grupo (família tradicional, luta antiaborto etc.), serviu, para alguns, como prova de que os evangélicos, destituídos de sua heterogeneidade inerente, seriam sujeitos fanáticos e manipuláveis. Assim, fiéis progressistas – sobre os quais discorreremos na seção seguinte – que sempre confrontaram Bolsonaro, foram majoritariamente ignorados.

Diante da escassez de pesquisas que analisam o discurso de oposição de grupos evangélicos ao conservadorismo que se materializou na campanha/governo de Jair Bolsonaro, este artigo tem como objetivo analisar de que modo os enunciados do pastor progressista Ed René Kivitz, em entrevista ao *podcast Podpax* (2022), reverberam movimentos de descentralização em face a discursos de evangélicos adeptos à recandidatura de Bolsonaro. Para tanto, baseamos nosso trabalho nas

discussões empreendidas por Bakhtin (2015; 2018; 2020; 2022) e Volóchinov (2017), no que diz respeito aos conceitos de relações dialógicas, entonação, discurso de outrem, polêmica e forças centrípetas e centrífugas; e nos escritos de Dip (2018), Cunha (2019), Spyer (2020) e Araújo (2022) acerca do cenário político brasileiro e sua relação com a religião.

Sendo assim, o artigo organiza-se do seguinte modo: iniciamos com uma breve introdução, apresentando o estudo; em seguida, abordamos os aspectos contextuais envolvendo a adesão evangélica a Bolsonaro, considerando pontos como o bolsonarismo, a polarização política e o progressismo no campo evangélico; na sequência, discutimos princípios e conceitos da teoria dialógica da linguagem que fundamentam nossa reflexão; posteriormente, destacamos as questões teórico-metodológicas contendo os procedimentos observados no estudo; e, por fim, a análise do *corpus* seguida das considerações finais.

2 Aspectos da política e da religião no contexto brasileiro

A adesão evangélica a Bolsonaro é um fenômeno que requer uma análise abrangente e rigorosa. Apontada por especialistas como fator decisivo para a eleição do então candidato nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, a associação a uma figura controversa e sem experiência prévia em cargos políticos majoritários¹ ratificou, para muitos, o estereótipo do crente enquanto um sujeito ignorante e facilmente influenciável.

Entretanto, o casamento evangélico com o bolsonarismo não pode ser visto de modo casual, como uma coincidência. É preciso que se considerem pelo menos três aspectos relevantes: i) o crescimento numérico desse grupo religioso no Brasil desde o final da década de 1990² (Mariano, 2014; Spyer, 2020), bem como as pautas morais por ele defendidas; ii) a ascensão global de figuras políticas focalizando o conservadorismo (Levitsky; Ziblatt, 2018; Nobre, 2020); e iii) a associação cada vez

¹ Antes de ser eleito presidente, Jair Bolsonaro nunca havia ocupado um cargo político majoritário. Viveu de 1989 a 2019 entre um mandato incompleto de vereador no Rio de Janeiro, interrompido para que pudesse ocupar a cadeira de deputado federal por sete mandatos consecutivos pelo estado homônimo. Na Câmara, fez parte do que se convencionou chamar de baixo clero, ou seja, um agrupamento de parlamentares de pouca expressão política (Dal Piva, 2022).

² Projeções estimam que os evangélicos podem ultrapassar numericamente, pela primeira vez na história do Brasil, os católicos, tornando-se maioria a partir da década de 2030. CARVALHO, Rone. O que explica multiplicação de templos evangélicos no Brasil. *BBC*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo>. Acesso em: 27 nov. 2023.

mais recorrente em diversos países, como os Estados Unidos da América (EUA), de grupos evangélicos com o cenário político conservador em ascensão (Du Mez, 2020).

Sobre o primeiro aspecto, faz-se premente ressaltar que tal crescimento numérico já vinha sendo considerado por outros candidatos em pleitos anteriores ao de 2018. Na corrida presidencial de 2002, por exemplo, os evangélicos já exerciam influência na campanha de Luiz Inácio Lula da Silva (Cunha, 2019). Paulatinamente, esse grupo foi passando a conquistar cada vez mais espaço não só nas campanhas, mas também nos governos³. Nesse sentido, é possível afirmar que o diálogo com uma base evangélica não foi inaugurado na campanha bolsonarista de 2018, mas sem dúvidas, Bolsonaro eleva para outro estágio o modo como grupos evangélicos passaram a exercer um papel central no curso das últimas eleições no Brasil.

O segundo aspecto diz respeito à ascensão do conservadorismo no meio político que, também, não pode ser apontada como uma novidade trazida por Bolsonaro, muito embora ele tenha sido a figura de cujo nome nasce um movimento conservador articulado. Deve-se lembrar que, como apontam diferentes estudos (Nobre, 2020; Fachine; Demuru, 2022), Bolsonaro empregou amplamente as estratégias exitosas⁴ de Donald Trump nos EUA, na campanha de 2016. Esse último ponto nos conduz diretamente ao terceiro aspecto apontado anteriormente: a adesão de grupos evangélicos a movimentos políticos conservadores, explorada amplamente por figuras populistas como o referido ex-presidente estadunidense.

Entretanto, antes de adentrarmos nesse tópico, é imprescindível compreender e tratar Bolsonaro e bolsonarismo como coisas distintas. O primeiro é um sujeito situado em um tempo-espaço, que constitui e é constituído pela realidade que o cerca. Empresta seu nome para designar o segundo, compreendido aqui como um fenômeno ou movimento populista de extrema-direita que se retroalimenta da polarização política (por isso fortemente anticomunista e antipetista), cujo terreno foi pavimentado por um sistema de crenças que tem Olavo de Carvalho como seu principal mentor no campo ideológico. Além disso, o movimento está alicerçado no militarismo e

³ A título de ilustração, podemos mencionar a indicação de Marcelo Crivella ao Ministério da Pesca e Aquicultura no governo Dilma, em 2012. Sobrinho de Edir Macedo, Crivella foi bispo da Igreja Universal do Reino de Deus e ocupou, entre 2017 e 2021, a prefeitura do Rio de Janeiro. Atualmente, exerce o cargo de deputado federal pelo estado homônimo.

⁴ Para informações mais detalhadas, indicamos a leitura da matéria: VIANA, Natália. 15 táticas golpistas de Trump que Bolsonaro já adotou – e as que ainda vai usar. *Brasil de fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/12/17/15-taticas-golpistas-de-trump-que-bolsonaro-ja-adotou-e-as-que-ainda-vai-usar>. Acesso em: 27 nov. 2023.

atravessado por ideais religiosos do cristianismo conservador (especialmente evangélico, mas não apenas), como, por exemplo, o tradicionalismo e a moralidade. Como um fenômeno que eclode na era digital, de acordo com Mello (2020), explora os recursos tecnológicos para espalhar *fake news*, destruir reputações e montar exércitos virtuais que propagam medo e ódio, ao mesmo tempo em que reafirmam pontos de vista.

Do olavismo, o bolsonarismo herda, dentre outros aspectos, um caráter conspiratório e contencioso. Do militarismo, por sua vez, adota principalmente o autoritarismo (Rocha, 2021). E da religião cristã, sobretudo em sua vertente (neo)pentecostal, apropria-se especialmente da escatologia e de um maniqueísmo que converte adversários em inimigos, retroalimentando a polarização política, como a que se instaurou no Brasil, pelo menos desde 2013, com as Jornadas de Junho⁵. Portanto, o bolsonarismo, enquanto movimento, precisa ser compreendido, em certa medida, como anterior à pessoa de Jair Bolsonaro e, portanto, posterior a ele. Bolsonaro, enquanto representante do conservadorismo, só pode ter dado origem a um movimento cujo nome descende do seu próprio à medida que ele mesmo, enquanto sujeito, é moldado por uma sociedade que o gesta e o demanda.

Nesse sentido, a adesão de grupos evangélicos a movimentos políticos conservadores, como demonstra Araújo (2022), pode ser explicada se considerarmos que, entre tais grupos, a moral e os costumes exercem papel de destaque na escolha de candidatos quando comparados a questões econômicas, por exemplo. Contudo, vale lembrar que os evangélicos não constituem um bloco homogêneo, demandando, portanto, uma análise que os considere em sua diversidade.

Nessa conjuntura, o grande número de lideranças e influenciadores evangélicos apoiadores de Bolsonaro acabou por ofuscar um movimento contrário ao ex-presidente dentro da própria comunidade evangélica, silenciando ou inviabilizando a voz de grupos antagônicos que se tornaram quase invisíveis. Entre tais grupos estão os evangélicos progressistas, compreendido aqui, de acordo com Silva (2023), como aqueles que se opõem à interpretação fundamentalista da Bíblia, bem como à causa conservadora, e defendem um posicionamento antagônico frente a uma postura política subserviente e oportunista, dentre outros aspectos.

⁵ Mobilizações de massa ocorridas no Brasil, em 2013.

Após tais considerações acerca da política e da religião no cenário brasileiro contemporâneo, abordamos, na seção seguinte, noções e conceitos da Análise Dialógica do Discurso, que são mobilizadas nas reflexões empreendidas dos enunciados sob análise.

3 Alguns conceitos e pressupostos da Análise Dialógica do Discurso

As reflexões contidas neste artigo fundamentam-se na teoria dialógica da linguagem, pautadas, sobretudo, nas discussões tecidas por Bakhtin (2011; 2015; 2018; 2020; 2022) e Volóchinov (2017), respectivamente, sobre os conceitos de entonação, discurso de outrem, polêmica e forças centrípetas e centrífugas. Tais conceitos estão intrinsecamente imbricados no princípio do dialogismo, fundante das elocubrações teórico-filosóficas dos intelectuais do Círculo. Nesse contexto, as relações dialógicas que são por natureza extralinguística, e se efetuam no campo do discurso, isto é, na língua “como fenômeno integral concreto” (Bakhtin, 2018, p. 209), também são de grande relevância nesta discussão.

Entre as formulações desses filósofos russos, que superam a ideia de língua como uma estrutura objetiva, na qual a significação se restringe às relações sistêmicas entre as palavras, tem-se a noção de entonação ou tom emotivo-volitivo face ao caráter dialógico da linguagem. Bakhtin (2020, p. 85) argumenta que “uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada”, isto é, sempre que começamos a falar de um determinado objeto, adentramos em uma relação para com ele que não é isenta. Pelo contrário, na sua correlação conosco, o objeto adquire uma determinada densidade no momento que vivenciamos a expressão do existir-evento.

Nesse contexto, vemos que “a palavra não somente denota um objeto [...], mas também expressa com a sua entonação” (Bakhtin, 2020, p. 85). Logo, torna-se produtivo considerarmos a compreensão bakhtiniana de entonação, na referida obra, conforme nos lembra Gomes (2022), como uma avaliação social. Até mesmo quando pensamos em um objeto específico, lançamos sobre ele certa entonação, visto que “o tom emotivo-volitivo é um momento imprescindível do ato, inclusive do pensamento mais abstrato enquanto [...] pensamento realmente pensado” (Bakhtin, 2020, p. 86).

Do mesmo modo, das discussões de Bakhtin e do Círculo acerca da linguagem, particularmente na esteira de Volóchinov (2017), depreende-se também o conceito de

discurso de outrem (alheio, citado ou reportado), tendo em vista que as relações dialógicas, tecidas nas diversas atividades sociocomunicativas, mobilizam diversos outros discursos presentes na sociedade em um *continuum* simpósio universal de diálogos. Entende-se como discurso alheio, “o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo [...] também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (Volóchinov, 2017, p. 249).

A problemática do discurso de outrem é um assunto recorrentemente explorado nos escritos do Círculo de Bakhtin (Francelino, 2022). Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, além de definir tal conceito, Volóchinov (2017) discute o fenômeno da assimilação do discurso alheio sob um viés sociológico. Nas considerações do autor, ocupa lugar central a discussão acerca dos modos de transmissão do discurso de outrem, sendo classificados como: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. O discurso direto se caracteriza pela transmissão objetiva das palavras alheias, sem qualquer modificação substancial em sua reprodução, sendo geralmente acompanhado por recursos linguísticos, tais como aspas, travessão, verbos *dicendi*, entre outros, que servem para delimitar as fronteiras entre o discurso citado e o discurso citante. Em contraste, no discurso indireto, essas fronteiras são suavemente atenuadas, evidenciando marcas discursivas do sujeito que dele se apropria. Em relação ao discurso indireto livre, nota-se uma liberdade e facilidade na estruturação das palavras alheias, destacando-se a presença de dois projetos enunciativos, cujas delimitações não são claramente estabelecidas.

No escopo da discussão sobre discurso de outrem, temos a presença da noção de polêmica, como uma das formas de transmissão da palavra alheia. A discussão acerca da noção de polêmica em Bakhtin (2022; 2018) emerge das reflexões do autor⁶ no que tange às maneiras de assimilação do discurso de outrem em um conjunto de fenômenos do discurso-arte, que ultrapassavam as fronteiras da linguística praticada na época, e que norteiam a proposição de seu objeto de investigação, a saber, o discurso bivocal, proveniente das condições de vida autêntica da palavra.

Para o filósofo russo, quando a palavra alheia é introduzida em nosso discurso, ela assume novos sentidos, visto que se apresenta imbuída de nossa compreensão e avaliação, ou seja, tornando-se bivocal. Ao operarmos o discurso de outrem, podemos efetivá-lo em forma de polêmica, atacando-o, de maneira aberta ou velada, embora

⁶ Vide *Problemas da obra de Dostoiévski* (2022) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018).

as fronteiras delas não sejam facilmente identificáveis diante da dinâmica dos enunciados (Bakhtin, 2022; 2018).

A polêmica aberta consiste na orientação “para o discurso refutável do outro”, tendo-o como objeto. Por sua vez, a polêmica velada orienta-se a “um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o” e só ataca o discurso alheio de maneira indireta, como se entrasse em conflito com o próprio objeto. Diante disso, ressalta Bakhtin, o discurso do outro é capaz de “influenciar de dentro para fora o discurso do autor” (Bakhtin, 2018, p. 224).

Outra formulação da análise dialógica do discurso que nos importa aqui, diante da especificidade do nosso *corpus*, diz respeito à atuação das forças centrípetas e centrífugas que, dialeticamente opostas, estão sob constante tensão no discurso. As forças centrípetas são “materializadas numa ‘língua única’”, isto é, no sistema de normas linguísticas, atuando como forças criadoras de sua existência, e “superam o heterodiscurso da linguagem, unificam e centralizam o pensamento verbo ideológico” (Bakhtin, 2015, p. 41). Por sua vez, as forças centrífugas se manifestam em um contínuo trabalho de descentralização e de separação ao lado dos movimentos de centralização verboideológicos das forças centrípetas. Em outras palavras, tais forças se apresentam em um ininterrupto processo de confronto, na medida em que cada ato enunciativo revela esse embate incessante. Embora as reflexões acerca da incidência dessas forças estejam voltadas a considerações do autor sobre o contexto soviético, essas ponderações estendem-se a todo e qualquer objeto do discurso, pois ao enunciá-lo, o sujeito não o faz pela primeira vez. Ao contrário, ele mobiliza um objeto que outrora foi “ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos” e que, portanto, constitui-se como espaço de entrelaçamentos, aproximações e dispersões de variados “pontos de vista, visões de mundo, correntes” (Bakhtin, 2011, p. 300).

Partindo das considerações teóricas elencadas, apresentamos na seção seguinte os aspectos metodológicos observados na condução do presente estudo, envolvendo a descrição do nosso *corpus*, o perfil do sujeito enunciativo, o contexto da enunciação e os procedimentos de análise.

4 Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada na pesquisa baseia-se na análise dialógica do discurso, que tem suas raízes nas discussões linguístico-filosóficas de Bakhtin (2011; 2015; 2018; 2020; 2022) e Volóchinov (2017), principalmente no que diz respeito às interações dialógicas entre os enunciados. Além disso, essa abordagem propõe uma perspectiva de análise da linguagem que enfatiza a importância das ‘formas e tipos de interação discursiva’ como o primeiro aspecto a ser examinado no estudo do discurso, seguido das ‘formas dos enunciados’ e das ‘formas da língua’ (Volóchinov, 2017, p. 220).

Nesse devir, os enunciados concretos que constituem nosso *corpus* emergem de um recorte de uma entrevista concedida pelo pastor Ed René Kivitz ao Canal Pax⁷, apresentado pelo *youtuber* Daniel Araújo. A entrevista na íntegra, intitulada “Ed René Kivitz| Podpax #250”⁸, tem duração de 2h15min34s, e foi gravada em 5 de outubro de 2022, no período das eleições presidenciais brasileiras. No entanto, devido a sua extensão, nos detemos a um excerto dessa enunciação, com duração de 8min23s, disponibilizada no mesmo canal no dia 11 de outubro de 2022, sob o título “ED RENÉ nos ALERTA sobre o BOLSONARISMO!”⁹, e que reúne mais de 21 mil visualizações.

Em relação ao sujeito enunciador, segundo informações disponíveis em portais de acesso livre¹⁰ e na Plataforma Lattes, Ed René Kivitz é Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, conferencista, escritor e idealizador do Fórum Cristão de Profissionais, atuando como pastor presidente da Igreja Batista de Água Branca (IBAB), situada na capital paulista, desde 1989. Além disso, é autor de *Vivendo com propósitos*, *Outra Espiritualidade*, *O livro mais mal-humorado da Bíblia*, e *Talmidim*, publicados pela editora Mundo Cristão.

No que diz respeito à seleção do vídeo, nosso critério de escolha teve como motivação o fato de o pastor René ser considerado “uma das mentes mais sofisticadas do segmento religioso no país” (Capler, 2022, on-line) e de seus discursos atingirem

⁷ Com mais de 110 milhões de visualizações. Acesso em 16 out.2023.

⁸ CANAL PAX. *Ed René Kivitz | Podpax #250*. Youtube, 05 out. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H9NLk5S_u84. Acesso em: 16 out.2023.

⁹ CANAL PAX. *ED RENÉ nos ALERTA sobre o BOLSONARISMO!*. Youtube, 11 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xKovdd1Cbec>. Acesso em 16 out.2023.

¹⁰ *Ed René Kivitz. Mundo Cristão*. Disponível em: <https://www.mundocristao.com.br/autores/ed-rene-kivitz/>. Acesso em: 16 out. 2023.

Ed René Kivitz. *Instituto cplf*. Disponível em: <https://institutocplf.org.br/play/palestrante/ed-rene-kivitz/>. Acesso em: 16 out. 2023.

KIVITZ, Ed RENE. *Currículo do sistema currículo lattés*. [Brasília], 16 out. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3541192260115747>. Acesso em: 16 out.2023.

uma parte significativa da sociedade, sendo convidado a participar de programas televisivos de grande audiência, e de *lives* com expressivo número de visualizações.

Referente aos procedimentos analíticos, inicialmente, foi realizada a transcrição integral do recorte da entrevista que compõe nosso *corpus*, não negligenciando, evidentemente, o todo do enunciado. Considerando, conforme destacado por Destri e Marchezan (2021, p. 15), ser imprescindível “deixar o *corpus* se revelar”, sem lançar mão de uma definição conceitual *a priori*, ao iniciar nossa análise, observamos três fragmentos nos quais o enunciador constitui seu discurso em forma de polêmica. É justamente por meio dessas polêmicas, bem como pelo embate entre vozes que refratam posições axiológicas distintas, que identificamos a atuação das forças descentralizadoras diante dos discursos de adesão evangélica a Bolsonaro.

Para a análise dessas materialidades linguísticas, além dos conceitos de polêmica e forças centrífugas e centrípetas, foram mobilizados também conceitos como relações dialógicas, entonação e discurso de outrem. Assim, olhamos para os enunciados a partir do contexto imediato em que são produzidos, o contexto mais amplo, refletido e refratado nos usos da língua(gem), e os mecanismos enunciativos nela presentes.

5 A resposta de Kivitz acerca do apoio evangélico à recandidatura de Bolsonaro

No recorte sob análise, a fala de Kivitz em relação à adesão evangélica a Bolsonaro surge como resposta à palavra de Daniel, que inicia a interação verbal entre ambos, no referido recorte do *podcast*, com o seguinte enunciado: “Então já nem entra mais naquela/ naquela análise é.../ da pessoa na política e o quanto roubou, o quanto deixou de fazer. Ah, nós estamos agora numa situação preocupante em relação ao que vai se tornar a política pro povo a partir de.../ a partir disso.”

Por sua vez, como réplica, Kivitz, dentre outros aspectos, discursiviza acerca do que ele chama de “marcos civilizatórios”, “de modelo de civilização”, “de modelo de sociedade” e de “bolsonarismo”, colocando em evidência, entre os variados discursos, as “vozes” que emergem “dentro da igreja”. Dessa contrapalavra de Kivitz, em relação à adesão evangélica à recandidatura de Bolsonaro, selecionamos, como já indicado, três fragmentos que reverberam dispersões na fala do sujeito enunciator diante de tais discursos homogeneizadores, conforme lemos a seguir.

Fragmento 1: “Nós temos um contingente significativo da nossa sociedade que quer manter a ordem social estabelecida. Homem vale mais que mulher, hétero vale mais que gay, (...) magro vale mais que gordo, (...) branco vale mais que preto, e rico vale mais que pobre. Europeu e americano vale mais que brasileiro, sul-americano e africano. É isso que está posto.”

Em “Nós temos um contingente significativo da nossa sociedade que quer manter a ordem social estabelecida”, se considerarmos o aspecto linguístico, observamos que, embora Kivitz se posicione (através do uso dos pronomes “nós” e “nossa”) como um sujeito situado numa sociedade que deseja manter certo *status quo*, ele não se inclui na esteira de apoiadores e incentivadores do discurso que se segue. Em outras palavras, apesar de estar inserido nessa sociedade que pensa que “Homem vale mais que mulher” e “hétero vale mais que gay...”, o enunciador se posiciona contrariamente a essa ideia de duas maneiras: i) excluindo-se desse contingente (“temos um contingente”, diferentemente de “somos” um contingente); e ii) ao reproduzir o discurso dessa parcela da população com uma entonação particular, criando uma polêmica velada.

Ao fazer menção a um pensamento considerado dominante, já que representaria “um contingente significativo da nossa sociedade”, Kivitz elucida como o discurso vinculado a esse contingente está perpassado por forças estabilizadoras. No caminho oposto, na construção de seu próprio discurso, o pastor acaba pondo em movimento forças descentralizadoras, uma vez que intenta dispersar o ponto de vista arraigado.

O enunciado de Kivitz reforça o posicionamento também defendido por ele acerca da influência da religião nas relações políticas e sociais¹¹. Nesse sentido, podemos identificar relações dialógicas de contraposição em dois enunciados proferidos em dezembro de 2021, a saber, i) o vídeo *Sobre meu desligamento da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/SP*, gravado na Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo, no dia 3 de dezembro de 2021 e divulgado, no dia posterior, abertamente no *Youtube*¹²; e ii) o e-book publicado no mesmo mês, intitulado *Sobre atualizar a Bíblia (in)suficiente* (Kivitz, 2021).

¹¹ Como pode ser visto, por exemplo, em: CONVERSAS PASTORAIS. *O evangelho tem implicações políticas* | Ed René Kivitz no *Conversas Pastorais*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C1DIIIN-Jkk>. Acesso em: 16 out. 2023. e em TEDx TALKS. *500 da Reforma Protestante: religião, política e justiça* | Ed René Kivitz | TEDxNovaLima. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0u4wjPo7JY8>. Acesso em: 16 out. 2023.

¹² KIVITZ, Ed René. *Sobre meu desligamento da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/SP*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m2ivGEMK2rE>. Acesso em: 16 out. 2023.

Tanto o vídeo quanto o *e-book* surgem como resposta ao processo disciplinar sofrido pelo pastor após o último dos 13 sermões, intitulado *Cartas vivas contra letras mortas*, de uma série chamada *Cartas para um novo mundo*¹³. Nessa série de sermões, René constrói sua argumentação a partir de um posicionamento que apreende a religião, no seu viés institucional, como uma prática social que ele considera legalista, hierárquica, vertical, autoritária, dogmática, moralista e excludente. Tal posicionamento resultou no seu desligamento da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB). Kivitz foi convocado pela comissão de ética da OPBB a prestar esclarecimentos por supostamente ter cometido desvios teológicos e doutrinários ao defender que a Bíblia precisaria passar por um processo de atualização por se tratar de um livro, em suas palavras, “insuficiente” (Kivitz, 2021, p. 5). Em resposta a 15 perguntas realizadas pela comissão acerca do ocorrido, o pastor redigiu um documento, num formato de dissertação bíblico-teológica, mais tarde transformado no *e-book* que já apontamos.

Na esteira dessa argumentação, no livro digital mencionado, Kivitz propõe que a falta de atualização da Bíblia poderia gerar um processo de legitimação de práticas excludentes e discriminatórias, nas quais “o homem vale mais que a mulher, o branco vale mais que o preto, o rico vale mais que o pobre, o hétero vale mais que o homo, o rei imperador vale mais que o povo, e Deus está acima de todos” (Kivitz, 2021, p. 10), ideia retomada também no fragmento sob análise. Desse modo, o pastor convoca seus interlocutores à reflexão crítica sobre a ordem social vigente, colocando-se contrário a esses discursos perpetuados na sociedade, semelhantemente aos enunciados alheios recuperados no Fragmento 2 a seguir.

Fragmento 2: “Sabe quando você tem um ministro da.../ da.../ da economia que diz que o dólar está muito baixo.../ que agora a empregada doméstica quer ir pra Disney. Quando você tem um ministro da educação que diz que a universidade não é pra todo mundo. Quando você tem um ministro da educação que diz que pobre tem que fazer curso técnico. Nós estamos falando de um modelo de sociedade, de civilização. Quando você tem uma ministra da mulher, dos direitos humanos, que diz que menino veste azul, menina veste rosa. Nós não estamos falando de corrupção, nós estamos falando de um modelo de civilização.”

¹³ KIVITZ, Ed René. *Cartas vivas contra letras mortas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QlgaENPto2U&t=10s>. Acesso em: 16 out.2023.

Neste fragmento, Kivitz trava relações dialógicas com diferentes discursos proferidos por alguns dos ministros do governo Bolsonaro, tais quais: o ministro da Economia, Paulo Guedes; o ministro da Educação, Milton Ribeiro; e a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves. Diferentemente do fragmento anterior, em que a polêmica é construída de modo velado, aqui localizamos de maneira objetiva o discurso alheio, visto que o enunciador correlaciona as falas que assimila aos sujeitos (demarcadas com o verbo “diz”), polemizando de forma ostensiva com seus discursos.

A primeira parte do discurso de Kivitz (“Sabe quando você tem um ministro da.../ da.../ da economia que diz que o dólar está muito baixo.../ que agora a empregada doméstica quer ir pra Disney”) retoma uma fala proferida por Paulo Guedes, em que o então ministro da Economia afirmou¹⁴:

Não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80. Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para a Disneylândia, uma festa danada. Mas pera aí. Vai passear ali em Foz do Iguaçu, vai passear ali no Nordeste. Vai para Cachoeiro do Itapemirim, vai conhecer onde o Roberto Carlos nasceu, vai conhecer o Brasil.

Como vimos, esse trecho do Fragmento 2 constitui-se como um caso de polêmica aberta, pois recupera o discurso do ex-ministro Paulo Guedes de maneira direta, cuja entonação parece reverberar um caráter elitista com um sentido de incômodo (“uma festa danada”) como referência ao período em que a moeda brasileira, o real, apresentou maior poder de compra em comparação com a cotação durante o governo Bolsonaro (“Não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80”), gerando facilidades a brasileiros pertencentes às mais distintas classes sociais.

Na matéria em questão, podemos ver que o ministro constrói, discursivamente, sentidos que extrapolam a materialidade objetiva da língua. Ao elencar pontos de visitação em contextos brasileiros (“Foz do Iguaçu”, “Nordeste” e “Cachoeiro do Itapemirim”), parece haver uma tentativa de boicote no que diz respeito a viagens ao exterior, por parte das trabalhadoras domésticas, e uma avaliação social específica do referido ministro, isto é, uma certa entonação, que põe em xeque o direito de essas trabalhadoras irem à Disneylândia, impelindo-as a roteiros de viagens nacionais (“vai

¹⁴ 'Parasita', 'empregada doméstica na Disney': relembre frases de Guedes. *UOL*. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/12/27/paulo-guedes-ministro-da-economia-declaracoes-polemicas.htm>. Acesso em: 16 out.2023.

conhecer o Brasil”). Essa forma de dizer sugere uma postura estereotipada na fala do ex-ministro, que segregaria e definiria quem, na sociedade, detém o privilégio social e econômico de cruzar as fronteiras para além do território nacional. Tal discurso corrobora com o movimento de unificação polemizado por Kivitz, que, em seu âmago, busca manter uma ordem social. Nesse sentido, os enunciados do pastor ganham contornos mais definidos à medida que retoma o discurso de outros ministros, atuantes no governo Bolsonaro, para se opor à estrutura de sociedade proposta no ideário bolsonarista.

Desse modo, ainda no Fragmento 2, o pastor Kivitz retoma duas falas¹⁵ do então ministro da Educação, Milton Ribeiro¹⁶, acerca da relação entre ensino superior/técnico *versus* mercado de trabalho no Brasil. O ministro proferiu: “Eu tenho muito engenheiro, muito advogado dirigindo Uber, porque não consegue a colocação devida. Mas se ele fosse um técnico em informática, ele estaria empregado porque há uma demanda muito grande”, e complementou que “a universidade, na verdade, ela deveria ser pra poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade”.

Em relação à fala do ex-ministro, citada de forma indireta, Kivitz constrói o seguinte enunciado: “Quando você tem um ministro da educação que diz que a universidade não é pra todo mundo. Quando você tem um ministro da educação que diz que pobre tem que fazer curso técnico”. Observa-se, na entonação do pastor, novamente, um movimento de afastamento dos discursos proferidos pelos ministros do governo Bolsonaro, nesse caso, do discurso do ministro da Educação.

Ao retomar a fala de Milton Ribeiro, é preciso destacar que o enunciado do ministro estabelece uma relação com a legislação do país, sobretudo a Constituição Federal de 1988, na qual o acesso ao ensino superior “não é para todo mundo”, mas destinado àqueles que, segundo sua própria capacidade, conseguem alcançar os “níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística” (Brasil, 1988, Art. 208, inciso V).

¹⁵ Uol. *Ministro da Educação diz que universidade 'deveria ser para poucos'*. Youtube, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bLq4XrsQxg0>. Acesso em: 16 out. 2023.

Ministro da Educação defende que universidade seja 'para poucos'. *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-seja-para-poucos.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2023.

¹⁶ É importante lembrarmos que Milton Ribeiro é pastor presbiteriano, teólogo, advogado e professor, e sua gestão como quarto ministro da educação foi a mais duradoura do governo Bolsonaro (julho de 2020 a março de 2022). A gestão de Ribeiro teve fim com seu pedido de exoneração diante das denúncias de corrupção e pedido de propina em troca de verbas para a educação, esquema que ficou conhecido como “Bolsolão do MEC”.

Nesse sentido, pode-se dizer que a fala de Ribeiro, reenunciada de maneira indireta por Kivitz, estaria alinhada, até certo ponto, às garantias que são preconizadas na legislação nacional, em um movimento de convergência, ao assumir que a educação em nível superior se restringe a alguns. Entretanto, é na valoração que novos sentidos sobre a temática do acesso ao ensino superior são construídos no discurso do ministro, o que pode ser reafirmado quando traçamos relação com o seu enunciado “a universidade, na verdade, ela deveria ser pra poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade”.

Além disso, ainda nessa fala, a solução diante do dilema formação de nível superior *versus* mundo do trabalho estaria na oferta de cursos técnicos, principalmente no setor da informática, visto que somente assim tais profissionais “estaria(m) empregado(s), porque há uma demanda muito grande”. Nesse sentido, a fala do ministro supõe uma visão da educação distante de seu caráter libertador e emancipatório, evidenciando a atuação de forças centralizados, em conformidade com o projeto do bolsonarismo voltado à lógica do capital (Abrucio, 2021), sobrepondo os interesses de uma formação humana aos do mercado.

No ínterim desses discursos citados, Damares é a segunda personalidade religiosa da tríade de ministros evocada no discurso de Kivitz. Retomando a fala da ministra “menino veste azul e menina veste rosa”¹⁷, o pastor polemiza abertamente com seu discurso, colocando-a como mais uma das vozes que, a partir de forças centrípetas, estratificariam a realidade que está posta.

Tal realidade diz respeito ao debate sobre questões relativas a gênero que supõe uma associação, por parte da ministra, entre as cores azul e rosa e os gêneros masculino e feminino, respectivamente. O discurso de Damares, ao qual Kivitz faz menção, foi proferido em um vídeo¹⁸ compartilhado nas redes sociais, cujo local de gravação é desconhecido, no qual ela, aparentemente, após tomar posse durante o governo de Jair Bolsonaro, destaca com animação: “É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa”, seguida por aplausos dos apoiadores.

¹⁷ PODER 360. *Damara Alves diz que ‘menino veste azul e menina veste rosa’*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>. Youtube, 03 jan. 2019. Acesso em: 16 out. 2023. Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damara. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damara.shtml>. Acesso em: 16 out. 2023.

¹⁸ SCHUQUEL, Thayná; BRENNER, Saullo. “Menino veste azul e menina veste rosa”, diz Damara Alves em vídeo. *Metropoles*. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damara-alves-em-video>. Acesso em: 16 out. 2023.

Não é preciso ir muito longe para demonstrar que a tradição de relacionar as cores azul e rosa aos gêneros masculino e feminino se trata de uma invenção cultural difundida no início do século XX, no contexto da Segunda Guerra Mundial, período no qual o azul começou a ser comercializado por varejistas como a cor mais apropriada aos homens e o rosa, na moda, como a mais delicada, associada às mulheres. Na Inglaterra vitoriana, por exemplo, era tradição, na produção de roupas infantis, utilizar branco e tons pastéis, tendo em vista o custo elevado na fabricação de vestimentas com tinturas, destinadas exclusivamente à camada da nobreza (Pereira, 2020).

Chama-nos atenção ainda, no discurso de Damares, o fato de que a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos parece ignorar as relações de poder que se travam nas diversas esferas da atividade humana e que, de maneira geral, tendem a reverberar a figura da mulher como sexo frágil, o que não é diferente quando se trata de moda, tema evocado em seu enunciado. A título de ilustração, podemos indicar a pesquisa de mestrado de Oliveira (2013), que investigou a influência que a moda exerce sobre a sociedade como ferramenta de socialização, comunicação, identidade e pertencimento. Em suas discussões acerca da moda como fator social, a autora reflete acerca do processo de subalternação da mulher que se reproduz no ato de vestir, uma vez que à figura feminina “restava a sedução pelas aparências e aos homens o traje do trabalhador, mantenedor como dominador político” (2013, p. 64). Logo, é preciso o combate à lógica das relações de poder de gênero em todas as esferas, a fim de que seja ressignificada a imagem da mulher em uma relação de dependência do homem, o que contribui para sua desvantagem social e, conseqüentemente, a desigualdade no país.

Vê-se, portanto, a partir do Fragmento 2, com a retomada dos discursos de Paulo Guedes, Milton Ribeiro e Damares Alves, no enunciado do pastor Kivitz, que há uma iniciativa de nomear ministros com pautas conflitantes com a dos ministérios dos quais faziam parte, como uma estratégia do governo Bolsonaro pautada no desmantelamento interno das instituições, conforme argumenta Nobre (2020). Essa tática fica evidente nas tentativas de manutenção de um *status quo* da sociedade, que corroboram a vulnerabilidade da população já menos favorecidas no cenário brasileiro, como é o caso das trabalhadoras domésticas, dos estudantes que não acessam à educação superior e das mulheres representadas como subalternas em relação aos homens. Tais discursos, quando proferidos por membros oficiais do governo, passam a ser validados como discurso oficial do próprio governo. Nesse

sentido, materializariam um projeto comum ao bolsonarismo, apresentando-se de maneira contrária à concepção partilhada por Kivitz acerca de um modelo de sociedade, como podemos ver no Fragmento 3.

Fragmento 3: “Eu lamento muito ser uma das.../ das vozes dentro da igreja que vocaliza esse tipo de discurso. É.../ porque dizem ‘Ah, então você é Lula, você é...’/ nós não estamos discutindo Lula e Bolsonaro. Nós estamos discutindo o modelo de sociedade e o modelo de sociedade que o bolsonarismo traz pra mim, ele não é compatível com minha sensibilidade espiritual cristã, humana e cidadã.”

Nesta fala, observamos a retomada de ideias e posições apresentadas por Kivitz ao longo de toda a entrevista e que conferem, a sua argumentação, um contorno de conclusão/fechamento acerca de posicionamentos políticos e religiosos, refletidos e refratados em vozes comumente ecoadas no contexto cristão evangélico.

Travando uma polêmica velada, ao trazer para seu discurso uma voz que representaria a visão de uma sociedade cujo cenário político foi completamente comprometido pela polarização (“porque dizem ‘Ah, então você é Lula, você é...’”), Kivitz sugere uma superação de tal conflito ao ampliar horizontes que ultrapassam a dicotomia Lula *versus* Bolsonaro¹⁹. Em outras palavras, em um cenário polarizado, a não adesão a um determinado candidato acarretaria, automaticamente, o apoio ao seu principal oponente. Nesse sentido, ao tecer críticas que sinalizam um afastamento de Bolsonaro e do bolsonarismo, Kivitz argumenta ser visto, instantaneamente, como apoiador de Lula. Entretanto, seu discurso parece não evidenciar apoio a qualquer dos candidatos, uma vez que a reflexão construída pelo pastor explora o *modus operandi* do bolsonarismo.

Observamos também que, ao considerar as diferenças que separam Bolsonaro do bolsonarismo (“nós não estamos discutindo Lula e Bolsonaro. Nós estamos discutindo o modelo de sociedade e o modelo de sociedade que o bolsonarismo traz pra mim, ele não é compatível com minha sensibilidade espiritual cristã, humana e cidadã”), o pastor focaliza esse último, encarando-o como promotor de um modelo de sociedade que reflete e refrata ideais, em sua visão, incoerentes com o legado teológico e espiritual do cristianismo, bem como dos valores humanos e cidadãos.

¹⁹ Essa dicotomia pode ser vista como resultado ao mesmo tempo da polarização política que assola o Brasil há, pelo menos, uma década, e da visão maniqueísta e escatológica advinda de segmentos (neo)pentecostais, como abordamos na segunda seção deste trabalho.

Essa associação do cristianismo com o bolsonarismo é constantemente problematizada por Kivitz, uma vez que certas práticas e valores comumente associados a esse movimento, como a discriminação e a intolerância, não fariam, segundo ele, parte do seu ideário religioso. Por esse motivo, o pastor lamenta ser uma das vozes, na esfera religiosa, que faz ecoar discursos que contestam e problematizam tal adesão (“Eu lamento muito ser uma das.../ das vozes dentro da igreja que vocaliza esse tipo de discurso”).

Nesse sentido, o enunciador se afasta da voz com a qual polemiza, evidenciando a tensão entre duas forças opostas: a primeira, de unificação (centrípeta), e a segunda, por ele representada, de dispersão (centrífuga). Vale frisar que, mesmo como um sujeito situado num tempo-espço, cujos discursos veiculados no ambiente cristão evangélico – majoritariamente favoráveis a Bolsonaro durante os pleitos presidenciais de 2018 e de 2022, conforme já discutido anteriormente – os enunciados de Kivitz desmantelam esse movimento discursivo de centralização. Tal desmantelamento resulta do fato de que as reflexões do pastor se voltam, sobretudo, a um modelo de sociedade compatível com o que ele apresenta como sua “sensibilidade espiritual cristã, humana e cidadã”, desassociada à candidatura de qualquer figura política (nós não estamos discutindo Lula e Bolsonaro”).

6 Considerações finais

A adesão de grupos evangélicos à (re)candidatura de Jair Bolsonaro tem sido abordada por inúmeros pesquisadores e jornalistas como um fenômeno uniforme e, em certa medida, imutável. A escassez de trabalhos que abordem a questão da política em face a heterogeneidade desse grupo religioso, levando em consideração a oposição a Bolsonaro por diversos sujeitos desse segmento, acaba comprometendo a compreensão do fenômeno de um modo mais abrangente.

Esse silenciamento/exclusão, seja pela mídia ou por pesquisas científicas, de personalidades evangélicas contrárias ao conservadorismo e a um certo extremismo presentes no bolsonarismo é problemático por dois motivos principais: i) por criar a falsa percepção de simetria e conformidade entre um grupo extremamente diversificado; e, de outro modo, ii) por contribuir com a ideia equivocada de que, na esfera política, os evangélicos só podem ser eleitores de Bolsonaro.

É preciso considerar que, por trás dessa adesão, existe o trabalho de um candidato que, mesmo se identificando como católico, considerou a relevância política de um grupo religioso em ascensão, baseando suas campanhas e seu governo em pautas fortemente defendidas no meio evangélico. Nesse sentido, os enunciados de Kivitz recuperam diversos discursos e materializam uma contraposição da adesão evangélica ao ex-presidente Bolsonaro. Ao recuperar esses enunciados, é possível verificar um constante afastamento do pastor diante de tais discursos de adesão, que visariam a manter uma ordem social estabelecida a partir de movimentos discursivos particulares em sua fala.

Como vimos ao longo da análise, tal afastamento se dá de diferentes modos: na forma de polêmica (aberta ou velada) com o discurso de outrem (ministros do governo Bolsonaro, demais líderes religiosos e fiéis etc.); na forma de dispersão, ao entrarem em tensão forças centrípetas e centrífugas; ou ainda por meio de uma entonação particular. Por essa razão, a construção enunciativo-discursiva de Ed René Kivitz, em oposição ao modelo de sociedade presente no ideário bolsonarista, não pode ser vista como algo pontual ou atípico, mas antes como a representação de um movimento religioso progressista que tende a romper com o estereótipo do evangélico enquanto um sujeito manipulável e acrítico, destituído de sua heterogeneidade inerente.

THE DISPERSIONS OF RELIGIOUS DISCOURSES REGARDING EVANGELICAL ADHERENCE TO BOLSONARO IN UTTERANCES OF THE PR. ED RENÉ KIVITZ: A DIALOGICAL ANALYSIS

Abstract: This study focuses on the dialogical-discursive analysis of utterances situated at the intersection of politics and religion, considering the different forms of argumentation in these spheres of communication. As an object of investigation, it was selected an excerpt from a speech of progressive pastor Ed René Kivitz during his participation in the Podpax podcast (2022). The objective is to understand the extent to which the pastor's utterances act as a decentralizing force in contrast to the homogenizing discourses of Protestant evangelicals in favor of Jair Messias Bolsonaro's re-election. In terms of theory and methodology, this study is based on the dialogical perspective of language, using the writings of Bakhtin (2011; 2015; 2018; 2020; 2022) and Volóchinov (2017), including reflections on the concepts of polemic, other people's speech, intonation, and centrifugal and centripetal forces, as well as the discussions of Brazilian researchers (Francelino, 2022; Gomes, 2022) who focus on the investigation of the works of these Russian authors. The results reveal that Kivitz engages in arguments with other political and Protestant leaders by quoting speeches from these speakers and constructing new meanings with specific intonations in his

enunciation. This way, the pastor recaptures speeches from political and evangelical religious contexts, demonstrating this segment's adherence to ex-president Bolsonaro. At the same time, his argumentation shows an opposite position regarding support for such a re-candidacy.

Keywords: dialogic discourse analysis; political and religious discourse; polemic; centripetal and centrifugal forces; intonation.

Referências

ABRUCIO, Fernando Luiz. Bolsonarismo e Educação: quando a meta é desconstruir uma política pública. *In: AVRITZER, Leonardo; KÉRCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (Orgs.). Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política.* Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 255-269.

ARAÚJO, Victor. *A religião distrai os pobres?: o voto econômico de joelhos para a moral e os bons costumes.* São Paulo: Edições 70, 2022.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Teoria do romance I: A estilística.* São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato responsável.* 3.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 160p.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da obra de Dostoiévski.* São Paulo: Editora 34, 2022.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição Federal da República Federativa do Brasil.* 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 10 out. 2023.

CAPLER, Rodolfo. Igreja evangélica armada – entrevista com o pastor Ed René Kivitz. *Revista Veja.* 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/igreja-evangelica-armada-entrevista-com-o-pastor-ed-rene-kivitz>. Acesso em: 15 out. 2023.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital.* Curitiba: Editora Appris, 2019.

DAL PIVA, Juliana. *O negócio do Jair: a história proibida do clã Bolsonaro.* Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Renata Coelho. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–25, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 6 maio. 2024.

DIP, Andrea. *Em nome de quem?: a bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DU MEZ, Kristin Kobes. *Jesus and John Wayne: How White Evangelicals Corrupted a Faith and Fractured a Nation*. New York: Liveright, 2020.

FECHINE, Yvana; DEMURU, Paolo. *Um bufão no poder: ensaios sociossemióticos*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022.

FRANCELINO, Pedro Farias. Discurso de outrem. PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti. In: *Diálogos em Verbetes*. Coletânea Verbetes. Noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 63-67.

GOMES, Graziella Steigleder. *Tom emotivo-volitivo em traduções de textos bíblicos: uma análise dialógica*. 2022. 175f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

KIVITZ, Ed René. *Sobre atualizar a Bíblia (in)suficiente* [ebook]. 2021. 28p.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MELLO, Patrícia Campos. *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NOBRE, Marcos. *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia, 2020.

OLIVEIRA, Talita Souza de. *Moda: um fator social*. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Têxtil e Moda. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

PEREIRA, Joseane. *Até o século 20, meninos vestiam rosa e meninas usavam azul: entenda como tudo mudou*. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-rosa-para-meninos-e-azul-para-meninas.phtml>. Acesso em: 18 out. 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SILVA, Michel Pratini Bernardo da. *"Todo ponto de vista é a vista de um ponto": análise dialógica dos discursos do pastor progressista Henrique Vieira*. 2023. 154f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 12/12/2023

Aceito em 13/05/2024

Publicado em 24/11/2024